

Jornal
Relevo

EDITORIAL

Em certo momento do dia, ali entre 16h30 e 17h13, as cantilenas sobre o fim do impresso enfastiam. E por cinco motivos que iremos desaguar agora:

1 – A literatura, em nossa especificidade, opera num nível de validação diferente do jornalismo. Para o escritor, a permanência, seja jornal, seja livro, é importante para o entendimento de seu ofício. Ao leitor, a plataforma é ainda mais organizada e menos dispersa do que o fluxo de blogs, sites e portais. Argumento a conferir, é verdade, porém, validado pela nossa experiência mensal de lançar 70% de escritores inéditos em papel;

2 – Enquanto existir impressores, existirão impressos. É simples assim: os custos (você pode ver abaixo) não são absurdamente altos. Se tivéssemos uma condição financeira mais abastada, até poderíamos nos dar ao deleite de não ter anunciantes, por exemplo. Então, quem quiser reunir seu grupo de escritores e artistas plásticos e resolver guardar um trocado que iria ao sacrossanto bar, conseguirá imprimir seu jornal;

3 – Historicamente, nenhuma plataforma tecnológica de informação, considerando aqui a modernidade, suplantou outra. A importância dos impressos será restrita? Ok. Nada de novo no front. Porque, da forma como o discurso é imposto, até nos dá uma certa vontade de voltar no tempo para viver o suposto período em que todos liam impresso como se pão quente da manhã;

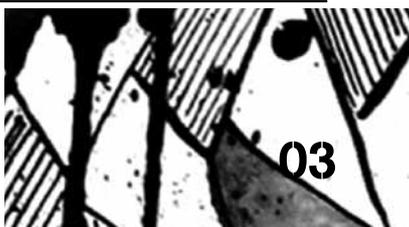
4 – A falácia da contemporaneidade, a ingênua concepção de que todos somos pertencidos ao mesmo tempo. Há novas formas de publicação, novos meios de lançar a própria voz, mas ainda teremos leitores pré-industriais que preferirão o livro ao e-book, o jornal ao site – e por que não estas plataformas conviverem como se complementares?;

5 – Por fim, o elemento de destino e da moira grega clássica. Nós somos um impresso e um cerne de cinco cabeças que gostam de impresso, do papel, de ver uma ilustração cobrir uma página inteira, um texto anarquista ao lado de um texto de amor – e este impresso é, sim, um amor anarquista. Enquanto tivermos o dinheiro para cobrir os custos da gráfica, enquanto tivermos anunciantes e novos assinantes, iremos imprimir jornal. Isto pode ser por muito tempo, como pode ser que acabe na próxima edição.

Assim como a vida, um sopro no escuro.

Uma boa leitura a todos.

Ombudsman
Osny Tavares



Rubens Akira Kuana **07**

Luíse Bello **08**⁰⁹
Tassiane C. Fontoura

Caio Kim



Adriana Brunstein **13**

Michele Pupo **15**

História Sem Graça **18**¹⁹

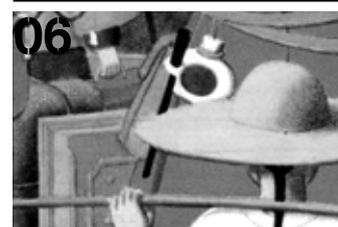
Lucas Mariano **22**

Tatiana Michaud **23**

Valdinéli Martins



Daniel Zanella



Niejila Brito

10

Braz Chediak

12

Alvaro Posselt

14

John Ashbery

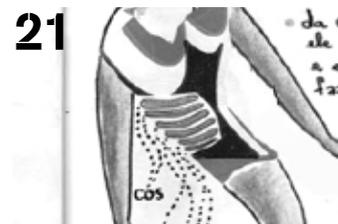
Tradução: Adriano Scandolara

17

16

Diane di Prima

Tradução: Miriam Adelman



21

25

24 Marcelo Lima

27

Ramsés Sohn

31

Daniel Osiecki

Manoela Quandt



32

EXPEDIENTE

Fundado em Setembro de 2010

Editor: Daniel Zanella

Editor-Assistente: Ricardo Pozzo

Revisão: Mateus Ribeiro

Ombudsman: Osny Tavares

Projeto gráfico: Iara Amaral

Impressão: Gráfica Exceuni

Tiragem: 3000

Edição finalizada em: 8 de abril

CONTATO

twitter.com/jornalrelevo

Facebook: Jornal Relevo

jornalrelevo@gmail.com

Edições anteriores:

issuu.com/jornalrelevo

CAPA

Alexandre Stresser é artista e tem um declaração sobre a capa: "Fiz essa colagem aí".

ERRATAS

Na edição de março conseguimos uma façanha: errar as matemáticas da prestação de contas. O total de arrecadação do mês foi de R\$ 1590, não R\$ 1150, já que $760 + 830 = 1590$, o que justifica, de modo mais translúcido, o saldo de R\$ 290.



PRESTAÇÃO DE CONTAS MARÇO DE 2014

ANUNCIANTES

R\$ 50 (FISK)
R\$ 50 (MARCIO RENATO DOS SANTOS)
R\$ 50 (PÃO & VINHO)
R\$ 50 (ÁGUA NA BOCA)
R\$ 50 (AVON)
R\$ 50 (CALCEAKI)
R\$ 60 (O TORTO BAR)
R\$ 100 (TODA LETRA)
R\$ 50 (LIVRARIA JOAQUIM)
R\$ 50 (DEFENESTRANDO)
R\$ 560

ASSINANTES

R\$ 50 (FELIPE GOLLNICK)
R\$ 50 (CAROLINA TINOCO)
R\$ 150 (CONSOLAÇÃO BUZELIN)
R\$ 50 (DANIEL GLIR)
R\$ 50 (BERNARDO BRANDÃO)
R\$ 50 (ISABELA CARVALHO)
R\$ 50 (GISSELE CHAPANSKI)
R\$ 50 (ANDRÉ TEZZA)
R\$ 50 (JAIR BARBOSA)
R\$ 50 (CANDIDO OLIVEIRA)
R\$ 600

Total: R\$ 1160

DISTRIBUIÇÃO: R\$ 80
PAPELARIA: R\$ 50
IMPRESSÃO: R\$ 1000
Custo Total: R\$ 1130

Balanco: R\$ 30

Sarah Bauer
Técnica: Nanquim e aquarela



OMBUDSMAN
Osny Tavares

NÓS E O COSMO

UM VEÍCULO CULTURAL, QUANDO AMPLIA SUA VEICULAÇÃO,
PRECISA SABER PUXAR DE VOLTA NOVOS NOMES PARA SUAS PÁGINAS.

O problema de assistir a um bom documentário de ciência é começar a ver ciência em todo lugar. Ela de fato está em todo lugar, mas o encantamento criado por essas produções me torna excessivamente naturalista pelos dias seguintes à exibição. Sou um sujeito altamente influenciável pela inteligência. Após uma explanação criativa, tendo a sair por aí replicando o que ouvi com a intensidade e convicção de quem acabou de sofrer uma lavagem cerebral. Mas geralmente passa logo.

Porém, tem sido um inferno desde que estreou *Cosmos*, uma série em treze capítulos intitulada “uma viagem pelo espaço-tempo”. É, na verdade, um remake de uma série dos anos 80 co-escrita e apresentada pelo astrônomo Carl Sagan, grande divulgador da ciência e meu herói pessoal. Essa nova versão tem como *frontman* um de seus pupilos (Sagan morreu em 1996), atualização teórica e efeitos especiais de cinema. Um dos produtores é Seth MacFarlane, outro herói pessoal.

A partir de *Cosmos*, é possível perceber que a raça humana surgiu, resistiu, sobreviveu e se desenvolveu por meio de uma sólida consciência de coletividade. Dos grupos nômades aos clãs do início da agricultura às cidades-estado aos impérios aos países às modernas cidades, nos desenvolvemos a partir dessa rede de troca e proteção que veio a se chamar sociedade. Somos feitos para viver em bando.

A arte de certa forma reproduz essa tendência, com seus movimentos estéticos e inter-discursos. Pouquíssimos são os inovadores solitários. A maioria se insere em uma corrente estilística e propõe tão somente um milímetro de avanço – o possível para um mero exemplar da espécie. Aqui também há uma rede de proteção e acolhimento, essencial a um ofício tão volátil.

O derivativo disso é a formação de grupos de afinidade que acabam por estreitar o diálogo com o meio. Acontece com mais intensidade entre aspirantes e artistas em início de carreira, ainda não estabelecidos, mas tende a se arraigar, com propensão maior ou menor, ao longo de toda a trajetória. É como se tribos distintas disputassem um mesmo território sem qualquer possibilidade de comunhão. Afinal, é fundamental para a sobrevivência da família que o DNA partilhado encontre oportunidades de reprodução em um meio.

Em sua forma contemporânea, esse fenômeno é chamado de “compadrio”, substantivo que define a ação de priorizar, indicar e enaltecer uma pessoa com quem se tem alguma relação pessoal ou profissional em detrimento de outras igualmente (ou mais) talentosas e capazes.

Impossível imaginar que a empatia será algum dia excluída das relações profissionais. Nem deveria, afinal de contas. Mas o peso do compadrio parece anacrônico ao papel atual dos meios. Ele sempre sobreviveu pela capacidade que as mídias tinham de agendar gostos e comportamentos. Pular para dentro desse barco era a garantia de um sucesso mínimo. A ponte era estreita, entretanto, e uma mão esticada poderia tornar as coisas mais fáceis.

O padrão mudou, porém. Os meios de publicação são amplos e universalmente acessíveis. Permanecem os pontos de referência, como redes de televisão, estúdios, grandes gravadoras e editoras, para os quais é preciso pavimentar o caminho à vaselina ou vencer sucessivas etapas de um rigoroso vestibular. Porém, mesmo estes meios encontram dificuldades em “lançar onda”. Estão cada vez mais reativos, recolhendo e sofisticando produtos que explodem espontaneamente na web.

Cabe aos veículos, e notadamente aos alternativos e não comerciais, o papel de trazer a organização da produção cultural para um eixo mais plano e expandir grupos em vez de cristalizá-los. É uma proposta revolucionária e ao mesmo tempo clássica, que remete ao que existe de mais basilar no fenômeno da comunicação. Não se trata de benevolência, e sim de recalibrar o formato.

Um exemplo: recentemente encontrei um amigo em São Paulo que atualmente trabalha na gestão de um bar de comédia. Ele e os colegas aplicaram um processo de casting por seleção meritocrática. Qualquer candidato, pode até ser um engraçadão de escola, terá direito a três minutos de tempo de palco para testar a sua capacidade em fazer os outros rirem. Se não for bem-sucedido, ainda tem uma nova oportunidade (vai que estava num dia ruim). Passará, então, para um segundo teste, de cinco minutos, então sete e, por fim, a apresentação cheia de quinze minutos. Fazem isso para se adiantar a movimentos espontâneos e se manter como eixo integrador. Disso depende a sobrevivência comercial deles.

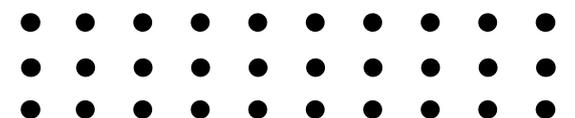
Esse é um exemplo fácil porque a comédia é, talvez, a profissão mais justa que existe. Ou o sujeito é engraçado ou está fora. Penso que o resto do setor artístico, e em especial a literatura, não esteja muito longe deste patamar. RelevO tem cumprido o papel de propiciar uma plataforma generosa com certo destaque, se comparado a publicações similares. Isto se deve a questões físicas e econômicas (formato, tamanho e custo marginal) associado a uma linha de atuação aberta, que encontra na despretensão a capacidade de se manter receptivo. Falta, porém, um canal adicional ao papel para conhecer, debater e articular novas produções a ser publicadas. O feedback ainda está limitado ao noventista e-mail e ao Facebook do editor, que demanda um filtro de amizade (viram o medo?) para se chegar até ele. Um fórum de discussão, na própria mídia social ou algum outro espaço na internet, proporcionaria uma interação mais dinâmica que a do jornal impresso e seus cinquenta tons de cinza.

Nota do editor:

De fato, o protagonismo que o impresso tem como produto final acaba por nos enfraquecer em outros meios, prejudicando, inclusive, o recebimento de mais feedbacks. Ainda não encontramos uma forma de nos fortalecer financeiramente para podermos investir, por exemplo, em um site que acomodasse toda a nossa produção e proporcionasse maior interação com os leitores.

Uma alternativa para um jornal mais dinâmico seria uma maior participação dos leitores no processo de edição. Poderíamos publicar mais textos numa versão digital e selecionar, através de votação, alguns textos para a versão impressa.

Novas plataformas também podem tornar o RelevO mais orgânico, com notícias diárias sobre concursos e espaços para novos autores, nosso foco maior. Porém, sem querer-me semelhante a um ventríloquo, nosso travo para voos mais amplos é a falta de dinheiro.



Melo



MELD
2014

Daniel Zanella



PADRINHO

Texto originalmente publicado em gazetadopovo.com.br/cenasurbanas

O amigo fita o copo de cerveja. Digo que está esquentando. Ele me olha calmamente e diz:

- Meu caro, agora você sabe que mulher cinzenta é boteco vazio.

*

Recebo os exemplares da nova revista com um texto meu e passo dez minutos pensando numa dedicatória que faça jus ao amor que tenho por esta moça:

*Ao meu amor leve
como tarde de quarta-feira
em uma praia sem habitantes*

Espero que ela goste.

*

Daqui a pouco jogaremos as quartas-de-final do campeonato dos jornalistas. A partida é logo cedo e abdiquei de me lançar na noite de sábado. Pra não dizer que estou abstinido, tomo uma dose de um uísque de vinte reais e leio um artigo sobre Chesterton, que me embriaga como se tivesse tomado cinco litros de palavras. Soou meio esquisito isso que escrevi, mas vai ficar assim.

*

O amigo conta, quase a chorar, sobre sua namorada depressiva. Ela liga dizendo que o mundo é escuridão e que melhor seria se não tivesse nascido. Ela é formada em Medicina pela UFPR e tem uma casa antiga que foi usada hoje para gravar um curta-metragem. Alega ser despertencida ao mundo – e quem não é, senhorita?

Como tem gente triste neste mundo, afirma, assim, com uma nota de jornalismo, outra de desilusão.

Sim, meu amigo, e já me desculpo por aquilo que irei te dizer, espero que não seja musicalmente tão insensível: em certos dias acredito que há uma notória vantagem em ser pobre e preocupar-se com o que comer e com o atraso de quase dois meses da conta de luz.

Não há tempo para pseudodramas.

Desculpe-me, meu amigo, estou sem paciência hoje.

Ando sem paciência com essa conversa.

*

Vai começar a corrida. Vamos torcer para o brasileiro não ser abalroado logo na primeira curva. Eu devia estar dormindo. Que belo gerúndio este aí, não tão excelente quando o verbo abalroar.

*

A amiga comenta sobre sua conversa com o marido. Especulam se eu serei um bom padrinho. Mas ele nem gosta de criança, alega o amigo. Meus amigos... Não sejam assim. Eu gosto de criança, sim, contanto que não seja a esperança do demônio em seu sucessor. Eu pegarei o filho de vocês no colo em todo fim de tarde que isso for possível. Levá-lo-ei – olha que bonito isso que eu disse! – à varanda e esperaremos calmamente a noite nos agasalhar. Direi a ele que a vida é boa, que nascem crianças todos os dias para a felicidade do mundo e do novo e que elas estão chegando para ver o que fazemos das nossas vidas e o que há para descobrir, corações sem tristeza.

Tentarei, sem ser ingênuo, explicar-lhe que a vida é boa, que há coisas bonitas, gente simples e honesta e que esta vida, sim, esta vida é realmente bem difícil de ser vivida, mas vale a pena, ainda mais no dia em que o São Paulo vence.

E você será amado como o amor do céu por tudo o que é horizonte e estelar, no infinito de nossos braços.

Rubens Akira Kuana



Abraham Bosse
1645

A FÁBRICA

o universo pouco ou nada
se importa com seu joelho
fernando henrique cardoso
não importa
com a sua partida
para a Tasmânia ou Haiti
você quer fazer trabalho voluntário
eu quero fazer trabalho voluntário
mas nós não faremos
juntos juntinhos onde
está aquele árvore centenária
que eu salvei? você já
a viu? ela está bem?
como foi o seu dia?
eu tomei as minhas vacinas
arrumei as malas
escovei os dentes embora
a ONU só nos aceite após os 25
quando nossas almas encontrarem paz
as ciclovias e florestas
com certeza serão mais comuns
e largas
até breve
você resolve ser virgem
até breve até breve
eu quero que você olhe para a lua
eu quero que você olhe para a lua
eu quero que você olhe para a lua
e perceba como a sua beleza não
depende
da forma com que eu me expresso

você me acomoda
como se a escolha fosse

possível entre caixas
de sabão em pó Brilho

ou Marilyn Monroes
qual delas consegue quebrar

modelos estéticos
meu coração

enquanto fonte
de divergência

um público urinol
adaptado eu sondo

um carrinho de mão
vermelho

até o Tennessee
tanta coisa depende

quando precisamos esconder
flores

VOCÊ ACEITA A IMPERMANÊNCIA COMO PARTE DO SEU CORPO

Luíse Bello



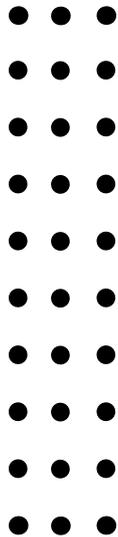
George Barbier
1926

TODA FEMINISTA] É MAL AMADA

É verdade. Toda feminista é mal amada. E ela só é mal amada porque é mulher. Sou uma delas e posso dizer que sou, sim, muito mal amada.

Sou mal amada desde criancinha quando me ensinaram que o meu mundo era um tanto quanto limitado. Na escolinha onde estudei até a quarta série (não sei o equivalente no mundo atual), o único brinquedo que havia no pátio era uma mesa de totó. Muito velha, muito cingida, mas era um sucesso – e exclusiva para os meninos. Eu já não gostava de futebol, mas tinha tanta vontade de brincar naquilo! E o fato de não poder me angustiava. Era a primeira de muitas experiências do tipo.

Conforme fui crescendo, descobri que a mídia também não me amava. Não fui amada por todas as novelas que retratavam somente mulheres que não se pareciam em nada comigo (ou com a maioria das mulheres que eu conheço); não fui amada pelos noticiários que tratam mulheres poderosas com desdém, focando por vezes em seus atributos físicos em detrimento de sua intelectualidade e conquistas alcançadas; não fui amada pelas revistas que me davam 101 conselhos para enlouquecer um homem e nenhum para me manter sã em meio a tanta pressão; não fui amada pelas receitas de emagrecimento que me adoeceram em busca de um ideal que só satisfaria aos outros; não fui amada pelas dicas de maquiagem que esconderiam as minhas imperfeições – e que me apontaram muito bem quais são elas.



Certamente não sou amada por uma sociedade que me condena se eu preservar a minha sexualidade (Puritana! Fresca! Cu doce! Sonsa!) e me condena se eu vivê-la livremente (Putá! Vagabunda! Piranha!); não sou amada por homens cada vez mais exigentes em aparência física e que dão notas de 0 a 10 para o meu corpo, analisando se sou digna ou não de sua afetividade; não sou amada pelas mulheres que, vítimas desta realidade, me veem como ameaça, como inimiga, como alguém que está com inveja do que elas têm ou são ou, pior, como alguém que quer roubar o companheiro delas; não sou amada por uma conjuntura social em que as minhas roupas são vistas como determinantes da minha personalidade; não sou amada numa cidade sitiada por tarados, na qual devo evitar ruas, roupas e horários para não ser atacada; não sou amada por aqueles que culpam as mulheres em caso de assédio ou estupro contra elas.

Também não me ama o mercado de trabalho, que me oferece uma remuneração menor e, no fundo, torce o nariz para a minha maternidade; não sou amada pelas piadinhas sujas que ouço calada de meus superiores e colegas, por medo de perder o emprego em caso de denúncia; não sou amada ao ser chamada a atenção por excesso/falta de maquiagem; não sou amada por uma maioria masculina em cargos de chefia; não sou amada pela desconfiança de como consegui meu emprego ou uma promoção.

Sou mal amada porque, se eu não casar até uma certa idade, ninguém mais vai me querer! Nem se eu engordar, nem se eu emagrecer demais, nem se eu for muito poderosa (porque isso ~assusta~), nem se eu for muito submissa, nem se eu for muito inteligente, nem se eu for muito burra, nem se eu não me depilar, nem se eu falar palavrão, nem se eu gostar de sair à noite, nem se eu quiser compromisso sério, nem se

eu não quiser compromisso sério. Não sou amada quando querem que eu, solteira, namore (só por namorar, só por ter alguém, só pra ter um homem que me ~assuma~); namorando, que eu case; casada, que tenha filho; com um filho, que tenha mais; com mais, que eu tome cuidado pra não embarangar e perder o marido. Não sou amada quando me dizem pra ter cuidado, hein, senão ele arranja outra!!!

A publicidade, então, me odeia! Afinal, não me vejo nos anúncios e sempre me pedem para mudar, seja meu cabelo, meu carro, minha cerveja, meu absorvente, minha barriga, meu molho de tomate, meus sapatos, meu hálito, meu refrigerante, meu provedor de internet, sempre me lembrando de que, assim, eu vou ficar mais gostosa, mais atraente, mais feliz, mais segura, mais tranquila – e menos eu. Porque, não adianta, eu nunca tô 100%. Eu nunca sou suficiente. Como, então, posso me sentir amada?

Se eu fosse amada (veja bem, não digo nem BEM amada, o que seria muito melhor. Só amor já ajudaria!), não reclamaria; não me sentiria feia, nem gorda, nem deslocada, nem magra, nem incapaz. Poderia circular livremente pelas ruas da minha cidade vestindo o que eu bem entendesse, sem que ninguém se sentisse no direito de opinar sobre o meu corpo ou me dissesse o que gostaria de fazer com ele. Ah, se eu fosse amada, seria valorizada em qualquer setor que eu desejasse trabalhar. E leria publicações femininas que falassem mais sobre mim, e menos sobre o que querem os homens. Se eu fosse amada, realmente, em todos os aspectos da minha vida, eu definitivamente não precisaria ser feminista, nem lutar por condições mínimas de liberdade para a mulher.

Não sendo o caso, sou mal amada e, sendo assim, só me resta ser feminista.



poetria
livros e arte

literatura
cultura
café
música
humanidades
artes visuais
infanto-juvenil
histórias em
quadrinhos
cursos
pessoas

 Poetria Livros e Arte

www.poetria.com.br
poetria@poetria.com.br
41 3046 3036

Av. Vicente Machado, 868
loja 3 Batel Curitiba-PR
atendimentopoetria@gmail.com

Niejila Brito



George Barbier
1926

Espelho de lithium, saliva-me!
 Sedenta boca neurótica.
 Na virtual ótica
 de um sistema milenar,
 nosso secreto caminho de volta para o lar.
 Concreto carbônico
 na garganta de putas velhas
 Invaginam-se por suas entranhas
 tudo o que sopras ao mar
 Blues com poeira e sangue!
 Arrotas, novas rotas!
 Urinas, no porão do meu mar!
 Colônia exalando por todos os portos,
 arrancando-me os seios e a língua,
 torna-se pátria uma íngua perpétua,
 em meu genético caminhar.
 Um sol de pedras tolas, reluzentes, rabiscam
 verdades dementes
 Num reflexo gutural,
 entre tacapes e usinas,
 cédulas, fumaça e neblina
 É tudo o que se ouve de lá!
 Sem ereção,
 nem Pasárgadas,
 gozam sobre seus reflexos.
 Tem orgasmos
 sob prescrição médica.
 É tudo perfeito na ferrugem do meu lar!
 Sereias com rabo de imã,
 regurgitam marcas,
 pesos,
 medidas...
 em toda máquina celeste
 de uma mesa hospitalar.
 Deus das maçãs,
 das vulvas...
 Dai-me espelhos,
 e o calor imaginário de um olhar!
 Eis-me aqui!
 Eis-me, aqui!
 Eis-me!
 Ex-mim!



Caio Kim



Yasmin Bomfim
Técnica: Aquarela

NÃO TIRE A BOINA PARA COMER!

Tem um garoto comprido de boina encostado ao lado da padaria. Quando tem pão fresquinho, assim saído do forno, assado, o jovem comprido cerra a pestana e se imagina como naqueles desenhos animados em que o aroma delicioso tem fumaça quentinha que carrega o corpo guloso pelo ar. Tratar de gula é maldade com o garoto, come mal, embora seja sacrilégio falar assim, comida é comida, a garganta embola uns restos secos. É de salivar o cheiro da fornada!

Pois o sujeito usava boina, dava-lhe lá um ar de artista. Manuel achava fina a arte em palavras, imaginava um slogan poético para sua padaria, então decidiu por não afugentar o poeta que aqui se descobre não era apenas de fachada. Era poeta, a poesia o era, ambos eram um e outro, ambos tinham fome. É certo que uma vez estaria tão leve e fora de si que não roubaria só o cheiro, mas também o pão quentinho. O fez. Mais de uma vez. E aprendeu que para não comer com remorso, deixaria em troca uma poesia para o cliente viver também a fila do caixa. Estavam saciados. O ladrão com boina, sua poesia e a clientela. Manuel não puniu, sorriu. Estava feito seu slogan: Troco Pão por Poesia.

Tassiane Corrêa Fontoura

AZUL DA COR DO GIZ

Era manhãzinha e devagarinho se ariscava naquele zigue-zague tão curioso. Apoiada na bancada de madeira ria-queria à sua criação. Equilibrava entre os dedos o escolhido lápis de cor azul. E quando terminou o trabalho os olhos brilhavam d'água. No papel deixado à beira da mesa lia-se: AS FLORES PRA VOCÊ. Presente doce de uma velhinha que aprendia a ler - podia, enfim, corresponder.

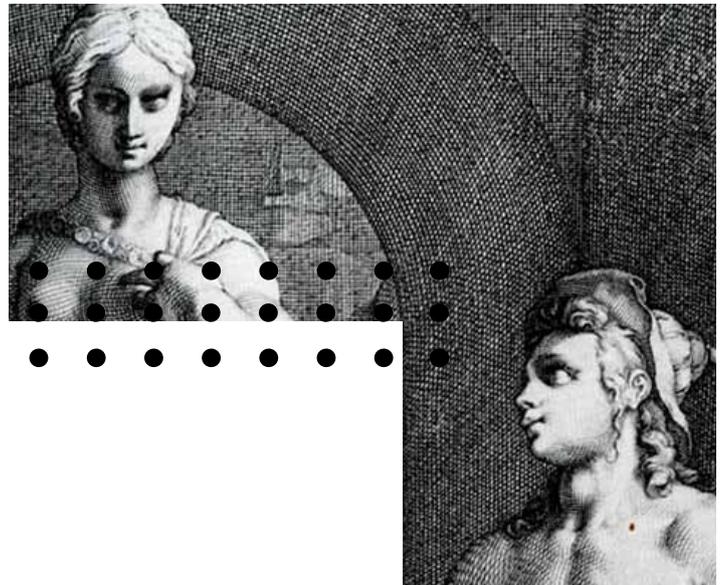


FISK
CENTRO DE ENSINO
DOMINE O CONHECIMENTO

FISK ARAUCÁRIA
R. JOÃO PESSOA, 35
TELS: 3642-3690
3031-7040
CONTATO@FISKARAUCARIA.COM.BR
WWW.FISKARAUCARIA.COM.BR

Braz Chediak

A GATINHA E O CRONISTA



Há dois meses apareceu em minha casa uma gatinha de pelos dourados e olhos azuis que se aninhou atrás de um vaso de bromélia. Achei-a bonita, mas, com medo que devorasse os sanhaços, os bem-te-vis e as corruíras que, como membros do MST, invadiram minha varanda, toquei-a para a rua. Pouco depois estava de volta, deitada no mesmo lugar. Toquei-a novamente, mas, lá pela quarta ou quinta vez, desisti e deixei-a ficar.

No início nossas relações foram boas, eu dando-lhe flocos de ração na boca, alisando-lhe os pelos, fazendo-lhe carinhos. Ela se enroscando em minhas pernas, miando baixinho em meus ouvidos, passando o narizinho em meus braços. Mas como toda gatinha (animal) que se preza, pouco a pouco foi ocupando espaço. Mexia em meus livros, tomava meu lugar na frente da TV, e uma noite a encontrei em minha cama, aninhada sobre o travesseiro.

Que abuso!, resmunguei e a mandei sair, imediatamente. Olhou-me ofendida e, com desdém, erguendo a cabeça deixou o quarto e foi para a rua. Passou a me evitar: se eu entrasse na cozinha, por exemplo, ia para a sala. Se me sentasse na varanda, ia dar um passeio pela vizinhança. Nos dias de chuva, como uma adolescente sonhadora passava horas na biblioteca, deitada sobre um livro. Nos dias de sol se espreguiçava, lânguida, no peitoril da janela olhando para o nada.

Achei melhor assim, cada um na sua. Aliás, estou muito velho e ranzinza para ficar preso a uma gatinha (animal) intrometida e temperamental. Mas os dias foram passando, a situação ficando insuportável, e resolvi procurá-la para discutir a relação. Encontrei-a em frente ao computador. Aproximei-me devagarinho disposto a pedir desculpas, dizer que nunca mais agiria daquele modo, mas, para meu espanto, vi que ela olhava sonhadamente para a ilustração de um poema sobre gatos do Ferreira Gullar e parecia ler. Pior, parecia apaixonada.

Levei um susto, pensei que estava maluco. Peguei o catálogo, procurei o telefone de um amigo psicanalista, mas me lembrei de uma história contada por Garcia Marques há uns 30 anos: no interior da Colômbia, uma velha tinha um gato que falava. Dizia “bom dia”, “boa tarde”, “como vai a senhora?”, “que horas são?”... e a notícia se espalhou. De repente a cidadezinha foi tomada por parapsicólogos, religiosos, estudiosos de OVNIS, etc., etc., até que uma junta médica foi designada para estudar o fenômeno. Examinaram o gato, estudaram manuais, conferenciaram e decretaram: “O bichano não fala, ele tem um defeito no palato!” Desisti. É melhor não mexer com psicanalistas! De mais a mais, foi apenas uma coincidência, sou distraído, esqueci o computador ligado e a gatinha fora atraída pela luminosidade...

Mas nossas relações nunca mais foram as mesmas. Ela nunca mais foi a mesma. Eu nunca mais fui o mesmo (que frase horrorosa!)- escondi todos os autores que falavam de gatos, como T.S.Eliot, Ferreira Gullar, Vinicius e, por via das dúvidas, até mesmo o velho e querido Poe.

Tomado por um sentimento de vingança, troquei a ração MAX Cat, sua preferida, por restos de comida. Nos dias de sol, molhava a varanda para que ela não se deitasse, nos dias de chuva trancava as portas e as janelas para que não entrasse.

Pouco a pouco foi se afastando, fazendo passeios cada vez mais longos, até que um dia sumiu. Então me deu uma saudade danada, senti falta de seu ronronar, de seus carinhos e saí pela cidade procurando-a pelas esquinas, praças e botequins. Não a encontrei.

Ontem, pensei ver uma gatinha amarela na janela de um casarão no centro. Corri até lá, mas a janela estava vazia. Olhei pelas frestas e tive a impressão de ver um belo gato angorá lambendo a própria cauda como se enfeitado para uma festa. Ou PARA UMA NOITE DE AMOR. Mas deve ser só impressão. Estou velho, ando confundindo as coisas.



Adriana Brunstein



- no dia em que um filme com denzel washington não tiver lição de vida.
- como é que é?
- nesse dia eu vou te dizer sim.
- mas já teve aquele do...
- o do spike lee não conta.
- bravo! você já começou uma regra pela exceção.
- eu não sigo ditados.
- deveria.
- por quê?
- pra não se perder o bom senso!
- que merda isso.
- merda é você inventar uma cláusula dessas.
- você não é obrigado a aceitar.
- eu não vou passar o resto da minha vida assistindo filmes com o denzel washington.
- eu também não perderia tempo com isso. "o voo" foi a gota d'água.
- qual é a sua, hein?
- não é possível que você não tenha se tocado ainda.
- me toquei sim. aliás, me toquei várias vezes. hoje, ontem, semana passada.
- ótimo, porque eu não vou dar pra você.
- puta que pariu, você não poderia ter falado isso de cara?
- talvez.



Jucélia
 (41) 3031-2357
 (41) 9663-7557

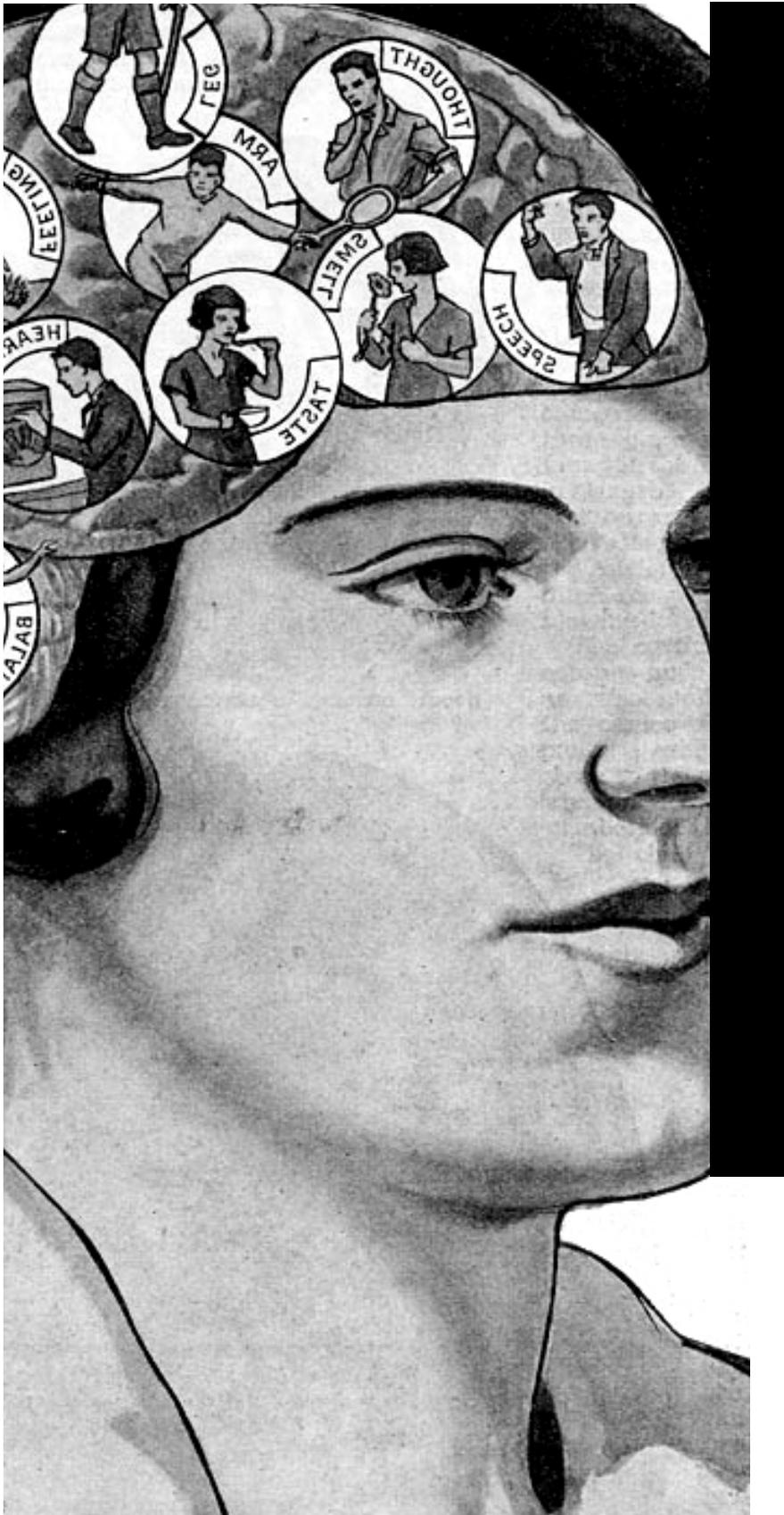
AVON
 the company for women

X	O	X
X	O	O
O	X	ENCRENCA

LITERATURA DE INVENÇÃO

ENCRENCALITERATURA@GMAIL.COM
 FACEBOOK.COM/ENCRENCALITERATURA
 WWW.ENCRENCALITERATURA.WORDPRESS.COM

Alvaro Posselt



Haicais integrantes de UM LUGAR CHAMADO INSTANTE, editora Blanche, 2013

Viver, eu suponho,
é chicotear a realidade
montado no sonho

*

Não preciso de terno
Meu escritório fica
no jardim de inverno

*

Ninguém está a salvo
Nem mesmo o arqueiro
muito menos o alvo

*

Noite de baile
A cantada começa em libras
E termina em braile

*

Finzinho de tarde
Minha sombra
se despe de mim

*

Atrás do quintal
a chuva em gotas de chumbo
deita o capinzal

Michele Pupo



A NOITE TECE

A Lua banhando o céu como um abajur imenso relegando a brutalidade do mundo. A luz estrelada refletindo na janela, fazendo-a esquecer do trabalho sugado das 8 às 18.

Ela desejava mais do que estava condicionada a receber.

No radinho desgastado pelo tempo, ouvia as notas melancólicas de uma canção de amor no sotaque arranhado de um argentino. Pensava nos dias inteiros sendo desperdiçados com a monotonia das coisas repetidas...

Latidos num terreno vizinho. Vida de cão. Levantar-trabalhar-comer-dormir. O dia reduzido às leis da mecânica. Tudo tão automatizado que poderia, se quisesse, fazer de olhos fechados.

O cansaço refletindo nas costas e nos pés. Fardo duro demais para uma sonhadora.

De repente ela desejou ser descoberta ali.
Não.
De repente ela desejou descobrir.

Gostava daquelas investigações disfarçadas, da curiosidade sem habilitação. Então, ele aprecia café, fala sozinho, lê no banheiro. Nasceu em abril (personalidade difícil!), não gosta de Caetano, mas lê Pessoa.

Pensando nele e o descobrindo, ela percebeu: as coisas só faziam sentido para ela quando era picada pelo que costumava chamar de comichão interior. Para esquecer as batalhas cruas e rudes de todos os dias, era necessário ter suas fantasias escapistas vez ou outra.

Ilusões de fim de noite que se tornam intrigantes quando a loucura é servida a dois. Existencialismo, pontos de vista sociopolíticos, recomendações de filmes e livros que jamais serão vistos e lidos, mas que são tratados com a febre de dementes num mundo de alienados.



John Ashbery
Tradução: Adriano Scandolara

MÚSICOS DE RUA

Um deles morreu, e a alma foi arrancada
Do outro em vida, que, ao andar nas ruas
Embrulhado numa identidade como um casaco, vê e vai vendo
As mesmas esquinas, volumetrias, sombras
Debaixo de árvores. O mais longe que já
Chamaram alguém, pelos ares cada vez mais suburbanos
E os seus modos, com o outono recaindo sobre tudo:
A pelúcia deixa os imóveis nos barris
De uma família obscura sendo despejada
Para o modo como foi, e ainda é. O outro encalhou
Visões de relance do que o outro estava aprontando:
Revelações por fim. E assim passaram a se odiar e a se esquecer.

Pois aninho este violino comum que conhece
Só canções já esquecidas de musicais, mas defende
A possibilidade da livre declamação ancorada
A um refrão sem graça, o ano se revirando em seu eixo
Em novembro, com os espaços entre os dias
Sendo mais literais, a carne mais visível no osso.
Nossa pergunta sobre um lugar de origem pende
Feito fumaça: como fizemos piqueniques em bosques de pinheiros,
Em enseadas sempre com infiltrações, e deixamos
Nosso lixo, esperma e excremento por toda parte, borrando
A paisagem, para fazer de nós o que pudéssemos.

STREET MUSICIANS

*One died, and the soul was wrenched out
Of the other in life, who, walking the streets
Wrapped in an identity like a coat, sees on and on
The same corners, volumetrics, shadows
Under trees. Farther than anyone was ever
Called, through increasingly suburban airs
And ways, with autumn falling over everything:
The plush leaves the chattels in barrels
Of an obscure family being evicted
Into the way it was, and is. The other beached
Glimpses of what the other was up to:
Revelations at last. So they grew to hate and forget each other.*

*So I cradle this average violin that knows
Only forgotten showtunes, but argues
The possibility of free declamation anchored
To a dull refrain, the year turning over on itself
In November, with the spaces among the days
More literal, the meat more visible on the bone.
Our question of a place of origin hangs
Like smoke: how we picnicked in pine forests,
In coves with the water always seeping up, and left
Our trash, sperm and excrement everywhere, smeared
On the landscape, to make of us what we could.*

E UT PICTURA POESIS E O NOME DELA

AND UT PICTURA POESIS IS HER NAME

Não dá mais para dizer essas coisas desse jeito.
Incomodada pelo belo você precisa
Sair a céu aberto, atrás de uma clareira,
E descansar. Certo que o que quer que te ocorra de engraçado
Não fará mal. Exigir mais do que isso seria estranho
Vindo de você, você que tem tantos amantes,
Pessoas que te admiram e estão dispostas
A fazer coisas por você, mas você acha
Que não, que se te conhecessem de verdade...
E deu nisso a autoanálise. Agora,
A respeito do que pôr no teu poema:
Flores são sempre uma boa, em particular o delfínio.
Nomes de rapazes que você conheceu no passado, com seus trenós,
Fogos de artifício são bons — ainda existem eles?
Há um monte de outras coisas com a mesma qualidade
Que as que eu já mencionei. Deve-se agora
Achar algumas palavras importantes e um monte de outras
Que soem discretas, desinteressantes. Ela me abordou
Perguntando se eu queria comprar a mesa. De repente a rua virou
Um balaio de gato e o clangor de instrumentos japoneses.
Testamentos maçantes espalhados por toda parte. A cabeça dele
Travada com a minha. Éramos uma gangorra. Algo
Deveria ser escrito sobre como isso te afeta
Quando você escreve poesia:
A austeridade extrema de uma mente quase vazia
Em colisão com a folhagem exuberante, rousseauniana,
de seu desejo de comunicar
Alguma coisa entre as respirações, senão pelo bem
Dos outros e seu desejo de te compreenderem e te abandonarem
Em troca de outros centros de comunicação, para que a compreensão
Possa ter início, e ao assim fazê-lo ser desfeita.

*You can't say it that way any more.
Bothered about beauty you have to
Come out into the open, into a clearing,
And rest. Certainly whatever funny happens to you
Is OK. To demand more than this would be strange
Of you, you who have so many lovers,
People who look up to you and are willing
To do things for you, but you think
It's not right, that if they really knew you...
So much for self-analysis. Now,
About what to put in your poem-painting:
Flowers are always nice, particularly delphinium.
Names of boys you once knew and their sleds,
Skyrockets are good—do they still exist?
There are a lot of other things of the same quality
As those I've mentioned. Now one must
Find a few important words, and a lot of low-keyed,
Dull-sounding ones. She approached me
About buying her desk. Suddenly the street was
Bananas and the clangor of Japanese instruments.
Humdrum testaments were scattered around. His head
Locked into mine. We were a seesaw. Something
Ought to be written about how this affects
You when you write poetry:
The extreme austerity of an almost empty mind
Colliding with the lush, Rousseau-like foliage of its desire to communicate
Something between breaths, if only for the sake
Of others and their desire to understand you and desert you
For other centers of communication, so that understanding
May begin, and in doing so be undone.*

EXATO
CENTRO EDUCACIONAL

Pré-vestibular e Enem - Ensino Superior Curso Técnico
Preparatório - Graduação Pós-Graduação
Aprendizagem Empresarial e Industrial

Fone: (41) **3552-1542 / 3552-5895**

História Sem Graça



Iara Amaral
Técnica: Aquarela

historiasemgraca.tumblr.com

obi-wan, meu gato, mijou no tapete do meu quarto, passei dois anos sentindo aquele cheiro, cada vez pior. mandei lavar e agora só sinto se encostar o nariz nele.

*

fiz salada de macarrão pra comer antes do trabalho, no almoço, e assim economizar. mas acabei fazendo demais e vou ter que almoçar, jantar e até mesmo lanchar salada de macarrão até acabar, porque não gosto de desperdiçar comida e também porque minha mãe fica brava.

*

descobri que meu coelho tinha carrapatos, comprei remédio e passei nele. logo em seguida li na internet que esse remédio poderia matar coelhos, dei banho no coelho, mas logo em seguida descobri que se ele ficar molhado pode pegar fungos. sequei o coelho com o secador e agora ele está dormindo.

*

hoje eu estava na livraria e perguntei se eles tinham "o castelo", de kafka. responderam que sim e foram buscar. quando voltaram, disseram que estava em falta, mas que eu poderia encomendar.

*

Panificadora e Confeitaria

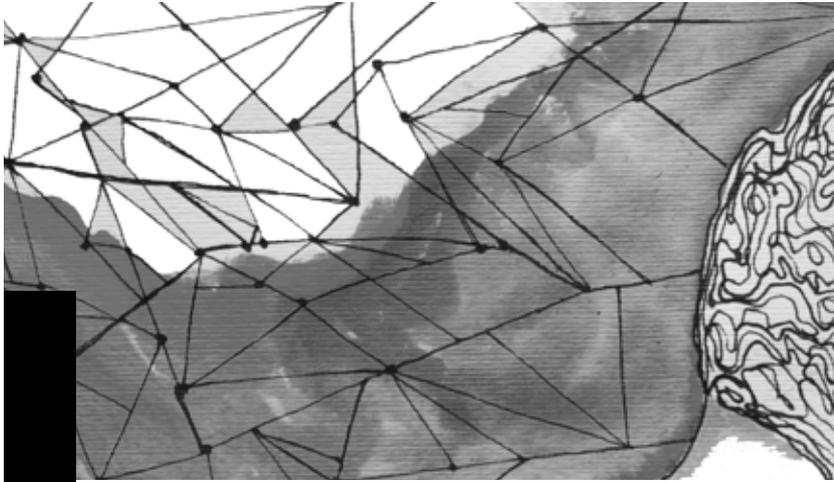
Água
na Boca

3642-9376

panificadoraaguanaaboca@hotmail.com.br
Rua Pedro Druszc, 122 - Centro - Araucária



Avenida Victor Ferreira do Amaral, 342 - Centro -
Araucária. Fone: (41)3642-1622



eu e uma amiga fomos fazer panquecas, e, por conta de um pane elétrica, estava sem luz na cozinha, ficamos com medo de cortar um dedo por engano durante o processo, mas nada aconteceu. as panquecas ficaram muito boas.

*

sempre quando eu vou digitar número no teclado do computador, eu ligo o caps lock antes. eu não entendo o porquê mas eu sempre faço isso. depois que eu digito eu percebo que foi burrice daí então desativo o caps e fica tudo bem.

*

a cafeteira do escritório, de tempos em tempos, mostra um aviso “esvaziar os fundos”. eu nunca faço algo a respeito e nunca deu nada.

*

ontem eu fui dormir e tinha uma mariposa enorme no meu quarto. pensei em pegar ela com a mão, em passar veneno nela, em tentar fazer minha cachorra comê-la e, enquanto pensava, voltei a assistir tevê. decidi não fazer nada, fui dormir e hoje, quando eu acordei, ela não estava mais no quarto.

*

hoje entrei na cozinha aqui da agência e enchi minha garrafinha de água. quando eu sentei na minha mesa para beber, a água estava com um gosto muito estranho. falei com o menino da cozinha e ele disse que era porque deu um problema no cano no outro andar e aí acabou toda a água.

*

outro dia estava andando de bike, vi uma pessoa fazendo xixi na rua, gritei “ao, mijão!”, ele respondeu “aê, bicicletero!”.

*

eu estava jogando bola com meus amigos e o gol era feito de chinelos. no final, chutei a bola e ela passou por cima de um deles. come-morei, mas não valeu.

*

comprei um picolé. enquanto o comia, fiquei lendo a embalagem. nela dizia “validade de 365 dias”. achei estranho eles não dizerem simplesmente “validade de 1 ano”.

*

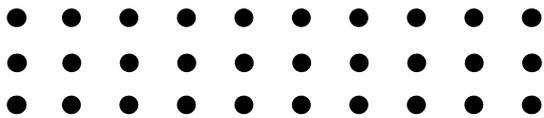
sempre que estou na casa da minha namorada e faço duas torradas no forninho, fico com preguiça de levantar pra pegar a segunda. por isso, pego as duas de uma vez e, consequentemente, como a segunda torrada meio fria. hoje, fiz duas torradas lá, só que uma era feita da “tampa” do pão de forma. sempre que isso acontece, eu fico na dúvida de qual eu como primeiro. a tampa tem gosto de plástico, mas comer ela primeiro significa que comerei a fatia boa mais fria. comi a fatia boa primeiro, mas a tampa tava tão ruim que eu acho que da próxima eu vou inverter a ordem. na minha casa, eu não tenho esse problema, porque a torradeira fica em cima da mesa e eu deixo a segunda torrada lá até a hora de comer.

*

liguei para cancelar a assinatura do jornal por causa do reinaldo azevedo. a atendente tentou me dissuadir “mas, senhor, há muitos outros colunistas e tenho certeza de que você...”. fui rápido ao interrompê-la “não com o meu dinheiro!”. cancelei a assinatura com sucesso.



Diane di Prima
Tradução: Miriam Adelman



A LOBA SE DIRIGE À DEUSA/OU
A POETA COMO SACERDOTISA
SE DIRIGE À LOBA-DEUSA.

Não é a teu serviço que eu me desgasto
correndo em farrapos entre as colinas, levando as crianças
de carro para assistir filmes esquecidos? A teu serviço
vassoura e caneta. Os banquetes monstruosos
que servimos para os outros na varanda
(em casa temos só arroz e sal)
E vestimos nossa exaustão como um roupão pintado
Eu & minhas irmãs
resgatando a mercadoria de pais
avaros e moribundos

curando umas às outras c/água e ervas amargas
de jeito que quando ficamos nuas, de pé no círculo da luz
(do lado do poço pequeno, na pequena mata próxima)
não revelamos nenhum defeito, também nenhuma
beleza supérflua.
Foi-se, nas medidas da noite.
Ô Semente, Ô manto de estrelas, tentamos te capturar
esguio, de luto
esfarrapado, triunfante

desgrenhado como um gramado
nossa pele dói do parto/escuridão da lua.

THE LOBA ADDRESSES THE GOD-
DESS/OR THE POET AS PRIESTESS
ADDRESSES THE LOBA-GODDESS

Is it not in yr service that I wear myself out
running ragged among these hills, driving children
to forgotten movies? In yr service
broom & pen. The monstrous feasts
we serve to others on the outer porch
(within the house there is only rice & salt)
And we wear exhaustion like a painted robe
I & my sisters
wresting the goods from the niggardly
dying fathers
healing eachother w/ water & bitter herbs

that when we stand naked in the circle of lamps
(beside the small water, in the inner grove)
we show
no blemish, but also no superfluous beauty.
It has burned off in watches of the night.
O Nut, o mantle of stars, we catch at you
lean mournful
ragged triumphant
shaggy as grass
our skins ache of emergence/dark o' the moon



Lucas Mariano



Luna Loo
Técnica: Nanquim e aquarela

APENAS SEM PAPEL]]

De vez em quando você precisa secar as mãos depois de usar o banheiro e não tem nenhum papel lá. Até aí tudo bem. Mas nesse dia foi um pouco diferente.

O que deveria ser apenas o compartimento de colocar a toalha de papel, na verdade era Enslin, um ator de teatro. Um ótimo ator, segundo ele próprio e conforme eu mesmo pude comprovar.

Enslin imitou um pouco o Joe Pesci em *Os Bons Companheiros*. Achei muito parecido. Depois me contou uma piada, muito engraçada, que tinha a ver com um cavalo tomando um sundae em uma praia da Guatemala.

Rimos bastante, ambos. Eu, porque realmente estava achando graça; ele, por ser um ótimo ator. Um ator sem papel, só isso, mas um ótimo ator.

Apenas sem papel, mas grande!

“Funny how? I mean, funny like i’m a clown? What fuck is so funny about me? Tell me. Tell me what’s funny.”

Joe Pesci, em *Os Bons Companheiros*

Tatiana Michaud

TRASH NO NATAL, BEATLES E A TROPICÁLIA

Talvez na sua família o normal seja assistir “Esqueceram de Mim X” no natal. Na minha? Assistimos “Gremlins” e a “Volta dos Mortos Vivos”. Essa é uma das muitas tradições passadas de pai para filha – de um jeito que só o meu conseguiria. O senhor Ney Hamilton Michaud é uma pessoa sensacional.

Foi o meu pai que me ensinou que ser diferente era na verdade uma qualidade e não defeito, ao contrário do que uma grande maioria das crianças do colégio gostava de reforçar. Demorou muito até eu entender que ele tinha razão, que ser normal não fazia muito sentido. Aqui ele orgulhosamente diria:

- Filha, vou te dar um conselho... Até porque se fosse bom, eu venderia.

Depois de um tempo, aprendi que muito do que o meu pai fala é certo – talvez não tudo, nem teria como. Meu pai é um grande jornalista, um excelente contador de histórias e piadista. Ninguém que o conhece falaria diferente. Mas acontece que nesses meus 25 anos, tive uma perspectiva que os outros não tiveram a chance – pude testemunhar que ele, na verdade, é bem mais do que isso.

Quando eu tinha oito anos, me levou ao grande estádio Major Couto Pereira, onde me ensinou tudo sobre futebol. Isso também viraria uma tradição que apenas o Pay-Per-View mudaria. Às vezes brinco que ele queria um filho, mas sei que esse era o jeitão dele de se aproximar de mim – e funcionou.

Foi o meu pai que me apresentou à Tropicália, nos tempos em que ainda ouvíamos fita cassete no carro. Lembro muito bem de ouvir a letra homônima de Caetano Veloso e me encolher no banco com a frase “...uma criança feia e morta estende a mão”. Mas não pude deixar de me encantar com aquele ritmo “novo”. E foi assim com vários gêneros e bandas – talvez os melhores exemplos disso sejam Beatles, Queen e Dire Straits. Meu pai conta que desde muito pequena eu costumava fazer lendários “air guitars” quando pensava que ele não estava olhando pelo retrovisor.

A literatura e o gosto por documentários também herdei do meu pai. Claro, adaptei esses gostos à minha personalidade e de tal forma, que se tornaram tão meus quanto dele. Foi ele quem me mostrou a possibilidade de ver o mundo de forma diferente.

Fã de Tin Tin, Asterix, Stephen King e monstros gosmentos de filmes trash de terror, meu pai também é adepto a um humor mais pesado. Mas fora tudo isso que o faz um pai muito especial, o seu Ney sempre teve uma noção muito honrosa entre certo e errado. Talvez eu não fale isso o tanto quanto deveria, mas meu pai é dessas pessoas que todo mundo deveria conhecer e aprender um pouco dele.

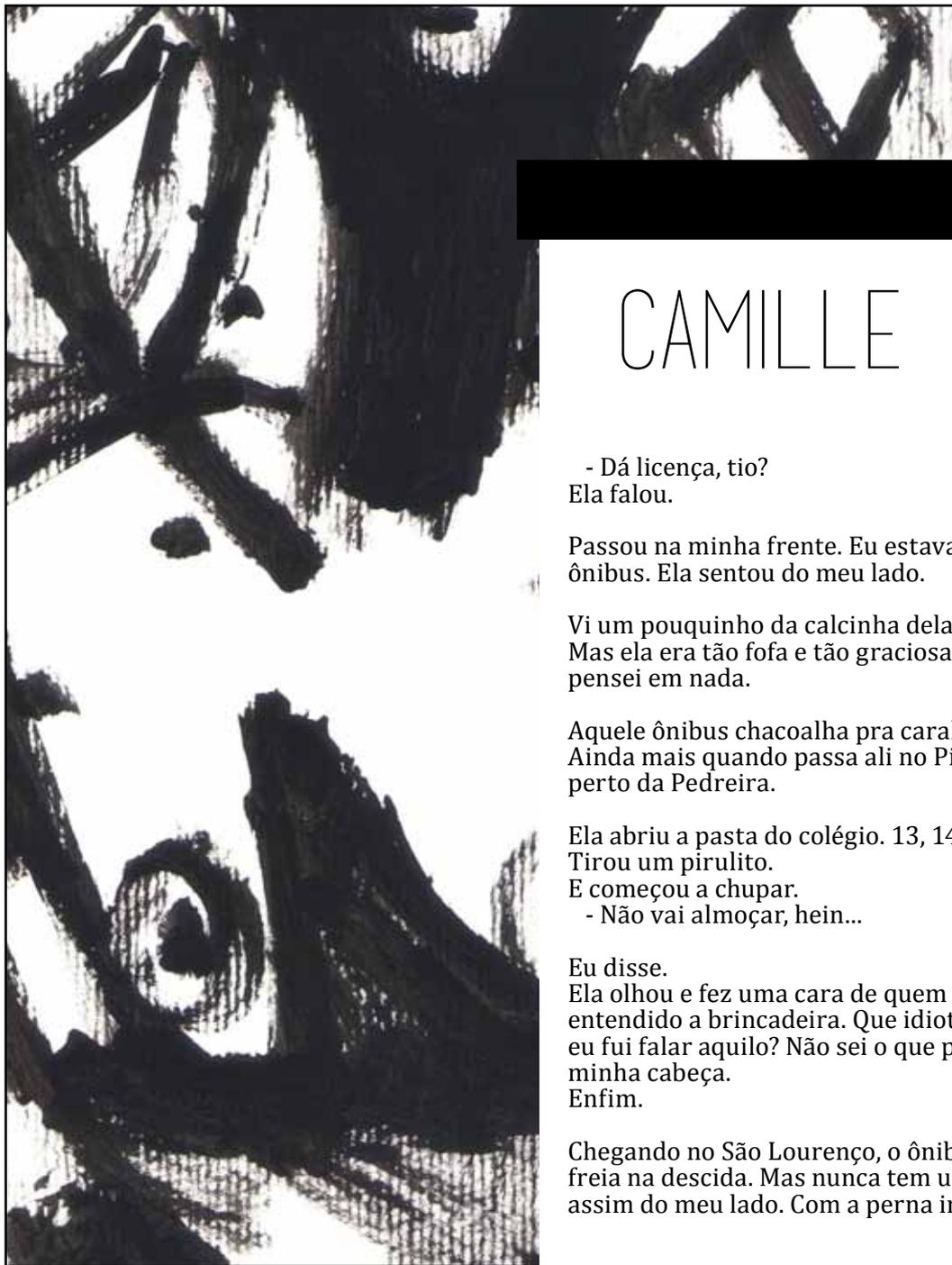
Dizem que sou a cara da minha mãe – acho ótimo, ela é linda e uma das mulheres mais fortes que conheço. Mas tenho um orgulho imensurável de ser tão parecida com o meu pai, em toda a sua singularidade que só Carlos Heitor Cony entenderia.



Yasmin Bomfim
Técnica: Aquarela



Marcelo Lima



CAMILLE COM DOIS ELES

- Dá licença, tio?
Ela falou.

Passou na minha frente. Eu estava no ônibus. Ela sentou do meu lado.

Vi um pouquinho da calcinha dela. Laranja. Mas ela era tão fofo e tão graciosa que nem pensei em nada.

Aquele ônibus chacoalha pra caralho. Ainda mais quando passa ali no Pilarzinho, perto da Pedreira.

Ela abriu a pasta do colégio. 13, 14 anos? Tirou um pirulito. E começou a chupar.
- Não vai almoçar, hein...

Eu disse.
Ela olhou e fez uma cara de quem não tinha entendido a brincadeira. Que idiota. Por que eu fui falar aquilo? Não sei o que passou pela minha cabeça.
Enfim.

Chegando no São Lourenço, o ônibus sempre freia na descida. Mas nunca tem uma menina assim do meu lado. Com a perna inteira colada

na minha. Tremendo a perninha. Eu não falo mais nada.

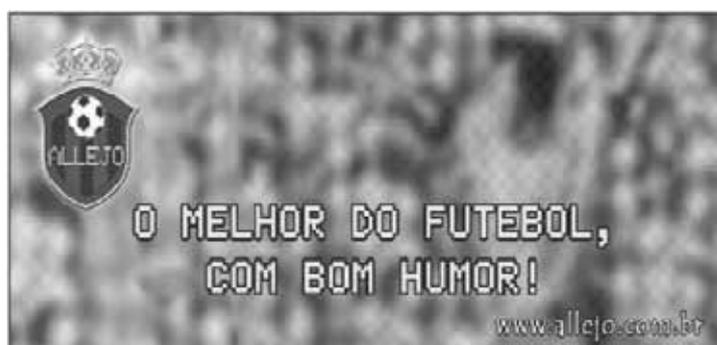
Por que laranja? Não podia ser de bichinhos?

Que merda de viagem. Todo dia pegando essa merda desse ônibus na hora do almoço. Eu chego em casa, mal dá tempo de almoçar e já tenho que voltar pro trabalho. Mas lá não fico. No trabalho não fico. Nada de almoço na empresa. Baixo-astral.

De repente, o anjo se descuidou: caiu um fiozinho colorido de saliva em cima da camiseta branca. Pronto: comecei a prestar atenção nos peitinhos da moça. Que eram lindos.

Pequenos e charmosos. Durinhos. Um deles devia caber inteirinho na minha boca. Qualquer um deles.
O ônibus parou no ponto. Ela levantou a cabeça, começou a olhar. Será que vai descer? Comecei a ficar inquieto também. Completamente sem pensar, perguntei:
- Já vai descer?
- Não, tio, eu tô indo pra casa de uma amiga...
- Ahhh... Vai estudar?

Emerson Persona



- Se der tempo... A gente vai falar com uns meninos na internet. Ela me deu um sorrisinho muito, mas muito sacana. Pronto, já tinha iniciado uma conversa. Comecei a gostar dela.

- Pra onde o senhor vai, tio?
Não me chama de senhor, porra.
- Er... Eu não sei... Tô procurando uma oficina por aqui. Mentira. Tinha descido por causa dela. Que não é boba:
- Oficina? Mas o senhor não lembra onde deixou o carro pra arrumar?
- Meu nome é Maurício. (Porra.)
- Ah, prazer. Camille. Com dois eles, tá? E o carro?
- Pois é... Acho que não é por aqui...
Ela já percebeu. Não é possível. Ninguém é tão ingênuo assim.
- Vai com a gente. Procura na internet.

- ...

- Olha isso aqui, tio.
- Maurício.
- Maurício.
- O que é?
Eu estava na casa da amiguinha dela. Totalmente entregue. Espiando cada pedacinho daqueles corpos começando a se formar. Ela me mostrou um vídeo no YouTube. Duas meninas se beijando. Deviam ter uns 15 anos, nem isso.
- Não tá reconhecendo?
Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, elas começaram a se beijar. Como duas namoradas. Abrindo e fechando a boca. Quando se afastaram, tudo o que sobrou foi um fiozinho de saliva que logo se cortou no ar.

E, claro, a minha cara de idiota:

- Que lindo...
- A gente adora treinar. Quer treinar você sabe beijar você é casado quantos anos você tem?
- Ahn... Trinta e dois.
- Trinta e dois? E ainda não casou? Ou é separado?
- Posso treinar também?
- Oi?

Dei um beijo nela. Na menina do ônibus. Um beijo meio ridículo. Que vergonha.

- Calma, tio, é assim, ó...

Ela me beijou como ninguém havia feito antes. A outra se aproximou. Quando percebi, já estávamos os três rolando pela cama, doentes de paixão, três corpos entregues a uma avalanche de prazer desvairado.

- Não esquece, tio. Camille.
- E o meu é Ju.
- Volta mais vezes...

Elas me disseram na porta da casa. Dois anjos brincando nas nuvens. Duas meninas lindas. Quase duas mulheres. Andei a tarde toda pensando no que aconteceu. Tenho vasto material pra muitas punhetas. Não sei mais pra onde vou. Não sei de mais nada. Só sei que o nome dela se escreve com dois eles.

Cheguei em casa. Enfiei a mão no bolso: cadê a chave? Só uma calcinha laranja.

em breve
edição especial ReleVO - Defenestrando

vai vendo.
defenestrando.com

DICESAR
BECHES
Advogados associados

www.dicesaradvogados.com.br

Avenida Iguaçu, 2947, sala 74 (41) 3082-1470
Água Verde, Curitiba - PR

Rua Alfredo Charvet, 698, Vila Nova (41) 3242-1554
Araucária - PR

CANTO PARA A MORTE DE MANDELA

(fragmentos)

1.
A última bala não se alojará em um peito
Nem abaterá a lua vermelha sob o céu clareando
Hasteio a bandeira – esperarei aqui seu retorno

Bala eterna, onde se alojaste? Virás trinar em
nosso encontro?
Florescerás em nosso peito tuas pétalas de chamas?
Não encontraste nosso amado, alvo entre estrelas

2.
Mas encontraste cem peitos certamente!
Corpos negros, estendidos são tristes e vermelhos
Mas vivos são estrelas que dançam! Ó a morte
matada
A mando! Mão nebulosa, múltipla e concreta,
Se renda à alma com o corpo liberta!

3.
Longe da minha casa, subindo o morro, ao lado
das paredes de argamassa
Jaz um arbusto de corpos, mal crescidos, regados
do líquido rubro do coração
São pedras de barro, é uma vala de esgoto aberto
perfumando os corpos
Cada corpo um milagre... agora são folhas caídas
Destrinchadas no chão
Os corações tolhidos destas flores negras
Quem os colherá?

6.
Teu caixão deveria ser cravejado de balas!
Noite e dia, sob a chuva das pistolas
Com o desespero das mães órfãs, com os corpos
da calçada
Com a marcha em preto e as palavras de ordem:
Uma bala de ouro para cada buraco em cada
corpo!

Com mil vozes a se erguerem distantes pelo globo
Com cem mil gritando (um dois três quatro cinco)
Como os dobreres de um sino (cinco seis sete oito)
(Atingidos, eles cantam teu réquiem sombrio
Em tantas portas à meia noite da madrugada!)

Teu caixão rodará o mundo até nós
Onde você morre dez mil vezes pela bala
Cravada em cada flor deste ramo

14.
Agora eu desafio o dia a observá-lo
São planícies cinzas, são montanhas temerosas
sobre o menino pedinte contando suas moedas
No grande corpo bipartido da minha terra, entre o
alphaville e a favela
São infinitas casas separadas por muros de guer-
ras, cercas desumanas, a beleza da miséria
São as ondas dos morros se quebrando sobre as
altíssimas janelas
São homens e mulheres revoltos a navegá-las
De dia à noite o trabalho se estende, domésticos
estrangeiros voltando para casa
Esbranquiçam os bairros onde seu suor se despen-
de e acendem constelações de tijolos e pedras
Fulgura a cidade como uma chama acessa! Faísca
da terra, ilumina a noite
Que não haja para a morte o abrigo de uma sombra,
Faz o dia manter teu gosto de fumaça, faz o dia
encarar teus olhos acesos

18.
À minha frente está um menino caído
Como se não estivesse ou fosse uma árvore tombada
Sua cara para o chão não sei se sorri, e se morto
não sei, sob a camisa furada
Os rasgos podem ser furos de balas ou alvos e
miras que nos guardam ainda
Do próprio corpo ensanguentando, três homens
armados

Protegem a mim e à multidão que se forma
E bate palmas e grita

Tragam pelo menos nossa bandeira rasgada
Para lembrar que é uma batalha, é uma guerra, sim,
Para lembrar que há uma mãe ou houve uma mãe
para chorá-lo
Um irmão ou um amigo, ou o mero corpo em si
Que o esqueleto inda guarda a cor do crime cometido
E nem mortos ou vivos ficarão em paz

20.
No entanto há mais flores na relva do que mãos
nebulosas
E mais canções do pássaro do que da noite esquecida
E os cantos irmãos e camaradas do meu canto
São constelações a iluminarem as sombras da
morte
Onde nasce a pimpinela e o pássaro renasce
E as estrelas desvendam os mistérios da noite
São cantos de amor e de almas que se amam
Se derramando pela cidade e trazendo a aurora

Ramsés Sohn

36 LINHAS

Em 36 linhas bem escritas
 Muita coisa pode-se fazer
 Escrever coisas bem íntimas
 Falar muito sobre prazer
 Transformar o belo em horrível
 E o horrível em amável

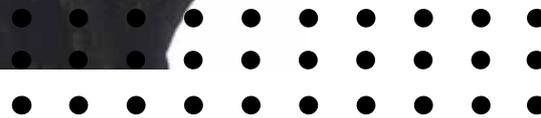
Em poucas 36 linhas
 Transforma-se em ilusão
 Cria-se esperança onde não tinha
 Torna alegre uma decepção
 Corrompe-se a alma
 Destrói qualquer calma

36 linhas eternas
 Relembra nossa infância
 Une amizades fraternas
 Desfaz ódio por intolerância
 Omitem qualquer valor
 Por que não até o próprio amor?

Quaisquer 36 linhas acusam
 Infidelidade numa relação
 Políticos que apenas nos usam
 A tristeza de um país
 O medo do casado
 A solidão do mal amado

Por 36 linhas passamos
 Pela violência sem razão
 Em sentimentos que exorcizamos
 Pelo sexo barato e sem emoção
 Na nobreza dos sonhadores
 No inferno dos pecadores

Nesta hora então, penso eu
 Uma pena, tão breve o momento
 Não pude contar tudo que ocorreu
 Pois este é todo um pensamento
 Belo, para alegrias infinitas
 Nestas 36 linhas mal escritas



NOVAMENTE

A FOME

Noite quieta. As casas com as lâmpadas desligadas são como grandes túmulos para vivos. A rua está iluminada em trechos pelos postes, nenhum carro. Os bueiros exalam um cheiro comum a todos os bueiros do mundo. Escuros por dentro. Ratos. Ruído de patas sobre o limo e o cimento dos bueiros.

Tsctstsctstsctsc.

Dois pequenos círculos escuros aparecem por entre as grades do bueiro. Um focinho de roedor. Cheiro de comida, restos de qualquer coisa começando a se desmanchar de velha. Rato. Fome, com muita fome. O esgoto é tão vazio, frio e sem comida. Depois do focinho a cara criminosa de rato com grandes bigodes aparece e muito rápido escala a grade pesada e corre pelo meio-fio até o lixo em cima da calçada.

O focinho hábil guia entre os sacos de plástico até os restos de comida.

Tsctstsctstsctsc.

Faminto e alegre encontra restos. Restos bons... E come. Mastiga. Devora. Até que uma luz terrível se abata sobre os sacos de lixo e um barulho de motor faça o ar balançar. Um carro. Passou. Volta aos restos. Por engano rói pedaços do plástico. É ruim o plástico. Mas há restos bons também, de comida, de carne descartada com ossos. Fuça por entre os sacos, rasteja pelas latas, rói os restos.

O rato não viu. Um homem que saiu da casa em frente com um cabo de vassoura nas mãos está golpeando na direção de sua coluna vertebral. O baque súbito o acorda da hipnótica refeição e percebe que por pouco não se tornou lixo em vez de comedor de lixo. O cabo de madeira, num golpe mal calculado, acertou mais o cimento da calçada que sua coluna. Pés ágeis de rato o colocaram fora do alcance daquele desgraçado que o atormentava.

No esgoto.
__Hunf...

Assustado e não muito saciado o rato voltou a percorrer os canais sujos. Sentindo muita dor. Dor nas costas. Aquele maldito o acertou em parte nas costas e agora tem de arrastar uma das pernas traseiras.

Numa fenda do cimento sujo fixou sua residência. Não tem fêmea que o acompanhe, filhotes ou obrigações de família. É um rato celibatário. Perdeu todas as brigas com machos maiores, dentes mais afiados e garras mais compridas lhe deram uma porção de cicatrizes no corpo. A residência pobre fica num canto abaixo do bueiro, quando chove entra pelo esgoto de uma casa, até um ralo que nunca foi limpo no quintal. Lá é aconchegante, porém os humanos o vêem facilmente. Saem gritando despejam água quente. Melhor sua fenda suja. Ali ninguém o vê. Ali os ratos também não o vêem. É um rato. Está velho e conhece as ratoeiras do mundo. Não todas ainda. Mas já esteve sob todas as que conheceu. Sabe que deve ainda haver mais ratoeiras pelo mundo. Sapatos humanos, raticidas, plástico. O mundo é uma porção infinita de ratoeiras. Não. O mundo é uma grande ratoeira armada com dentes sobre suas costas doloridas. Sente medo e raiva, tem fome e é um rato.

Os ratos construíram ratoeiras contra ratos iguais ele. São a força dos dentes e das patas, para morder e correr. São o guincho amedrontador dos ratos maiores. Por isso se esconde naquela fenda. Ali ele quase não se sente rato, um palmo quadrado de liberdade, à espera da fome de amanhã.

A benção do silêncio. Nenhum aborrecimento, apenas cicatrizes. Só um velho rato celibatário com fome parado em sua fenda, sentindo dor numa pata traseira. Sentia-se um rato trágico, percorrendo as filas dos ratos monótonos. Mas suspeitava que talvez fosse ele também um rato monótono, deslocado das filas e ultrajado pela fraqueza, pela dor e novamente a fome.

É ruim como o corpo se contrai sobre si mesmo durante os períodos de fome. Já havia passado um dia.

O corpo torna-se dez vezes maior que a alma quando sente fome, suas costelas pulsam e sua perna lateja, o mundo se expande lenta e violentamente e o comprime dentro daquele corpo. Olha para as paredes e vê comida sentindo mais a iniquidade e a irremediável tensão da fome.

Limo, frio, escalar o cimento é difícil agora, arrastando a perna ruim, ainda subir pela grade pesada do esgoto. Lá não encontra comida. Vazio.

Além da fome, há dor. Devagar, agora precisa rastejar com cuidado para ninguém vê-lo arrastando a perna ruim. O lixo de ontem ainda permanece no mesmo lugar. Percorre as latas com abas cortantes, os cacos de vidro e finalmente os restos. Fuça e rói, engole plástico às vezes. Plástico é ruim.

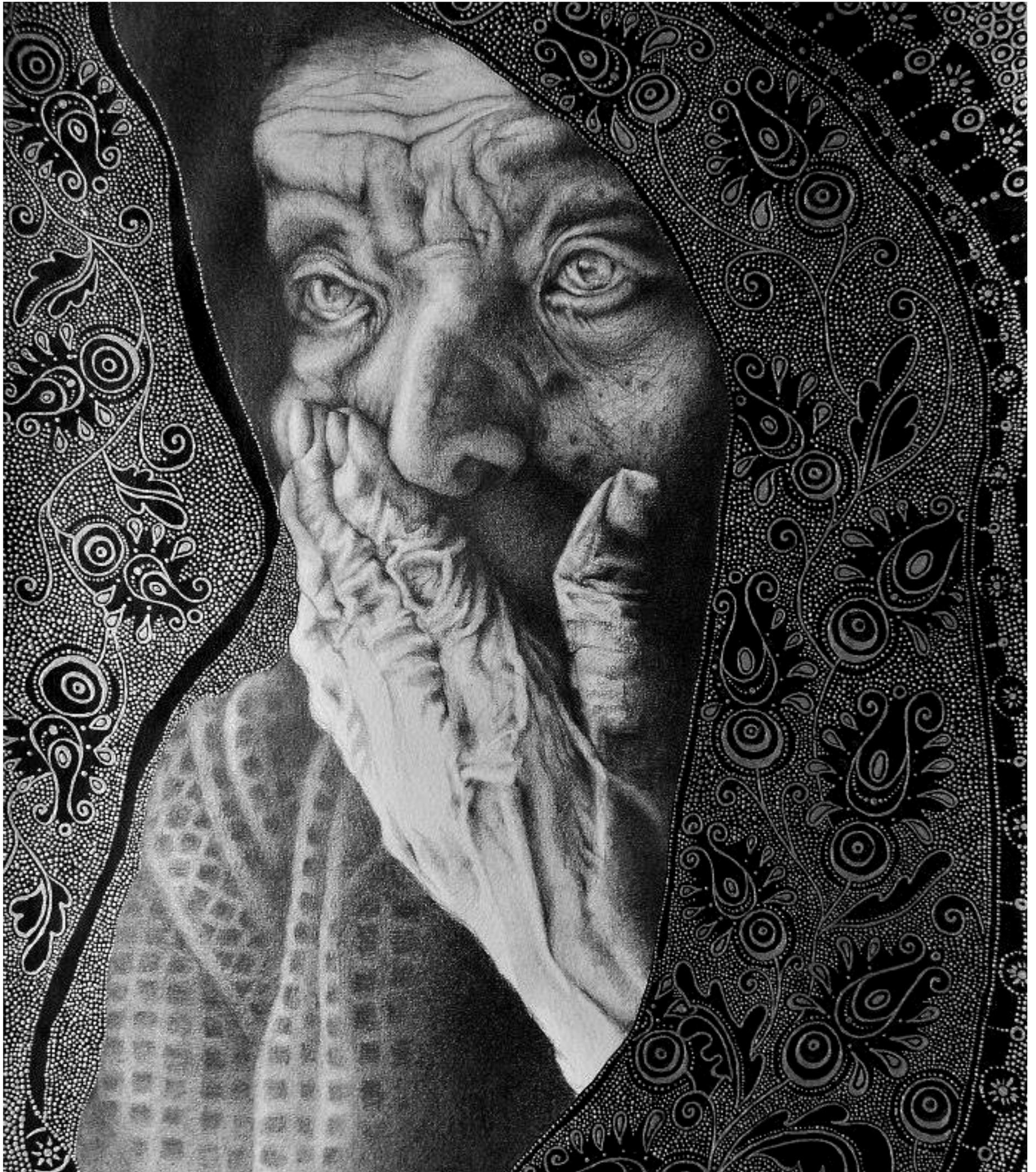
Não há outros ratos por ali e, diferente de outros lugares em que fuçou, não precisa dividir nada. Há baratas, dezenas, mas baratas são boas, correm ao ver um rato e abrem espaço para seu focinho. Elas não atrapalham, os restos são apenas dele. Só dele, senhor e dono de todos os restos do mundo. Saciado e calmo retorna ao bueiro olhando sempre à volta arrastando a dolorida pata traseira.

Volta à sua fenda. Tsctstsctstsctsc. A dor está maior em sua perna e se escorre até as costas retornando à ponta dos dedos. Evita andar pra não aumentar a dor. Ouve o som de patas, são outros ratos. Sempre há os outros ratos, querem roubar sua comida, retirá-lo da sua fenda. São sempre maiores e de dentes mais afiados. E guincham alto, o deixam surdo com aquele ruído. Seu impulso de sair e afugentá-los tem que ser mais comedido. Não poderia enfrentar uma porção de ratos se arrastando com sua pata latejante. Devagar, fuçando e guinchando eles passam, não descobrem seu esconderijo e passam.

__Hunf...

Sua perna está muito inchada, a dor quase insuportável percorre toda sua coluna e parece atingir sua nuca. Tem febre e se vê fugindo de faróis imensos e terríveis cabos de vassoura. Percorre todos os esgotos que conhece em segundos, fuça o lixo e come o plástico ruim das calçadas. Grandes homens desgraçados o atormentam guinchando nos esgotos, são homens com patas imensas e dentes agudos demais. Ele foge. Foge por todos os esgotos e acorda.

Está frio, ainda há dor, novamente a fome. Difícil se levantar e sair de sua fenda, tenta escalar o cimento. Inútil tentar, quer percorrer o esgoto, se lembra dos ratos... não, eles o afugentariam. Tem febre, quase delira, desce e cai na superfície escura do bueiro, ainda vê a fenda ao longe, cada vez mais. Tenta retornar a ela, mal consegue se levantar agora, as cicatrizes são grandes, a dor é profunda. Enquanto isso é surpreendido por uma gota que atravessa o ar e se desvia da grade do bueiro caindo em suas costas doloridas. Sente essa gota como o sapato de um humano. Já esteve sobre o sapato de um humano e conseguiu escapar. Tristemente constata que essa gota de chuva é mais ameaçadora que um sapato humano ou os ratos em bando, mais que um cabo de vassoura enfurecido. O céu cinza escuro, por entre as grades do bueiro, começa a despejar gota a gota uma chuvinha vadia e contínua que logo encherá os esgotos. Quer rastejar e não consegue.



Daniel Osiecki

O PROUST DAS ARAUCÁRIAS

Há muito tempo ouço o nome Jamil Snege e o associo a uma Curitiba não descoberta. É como se ele fosse algum tipo de entidade atemporal e intocável que muita gente comenta, mas poucos leram. Mais ou menos como Proust. Salvo distanciamentos óbvios, o nosso Proust, o das araucárias, faz jus aos diversos comentários e elogios de escritores e leitores. O “turco” é cultuado em um circuito literário bastante restrito, tendo influenciado toda uma geração de escritores como Fábio Campana, Cristovão Tezza, Miguel Sanches Neto e Joca Reiners Terron.

Meu primeiro contato com a obra de Snege foi um tanto tardia, por volta de 2006, no final da graduação. Fiz um curso sobre ficcionistas paranaenses contemporâneos e no programa de leitura estava *Como eu se fiz por si mesmo*, de 1994. Deliciei-me em uma noite (com uma fotocópia) com esse relato franco, escrachado, de um humor fino e ácido, sobre as agruras e peripécias de um escritor praticamente desconhecido em uma Curitiba apática, “mãe que nos engendra e nos devora, nos inventa e nos esquece”...

Desde o longínquo primeiro contato com o trabalho de Snege, através de uma fotocópia que já se perdeu com o tempo, não tive muitas chances de ler sua obra por falta de exemplares disponíveis. As obras estão esgotadas há muito, e o que se encontra em sebo, quando se tem sorte, é muito caro.

Há pouco mais de um mês, passei pela livraria Arte e Letra e, desses acasos da vida, me deparei com algumas obras de Jamil Snege à venda. A primeira sensação foi de estranhamento (até cocei os olhos para ter certeza do que estava vendo) e realmente os livros estavam dispostos em uma mesa e disponíveis para quem quisesse comprá-los. Naturalmente o valor estava bastante alto, cerca de 50 reais cada exemplar, o que não é tão caro comparado a valores cobrados em sebos e em livrarias virtuais. Diante de minha visível perplexidade, o solícito proprietário da livraria expli-

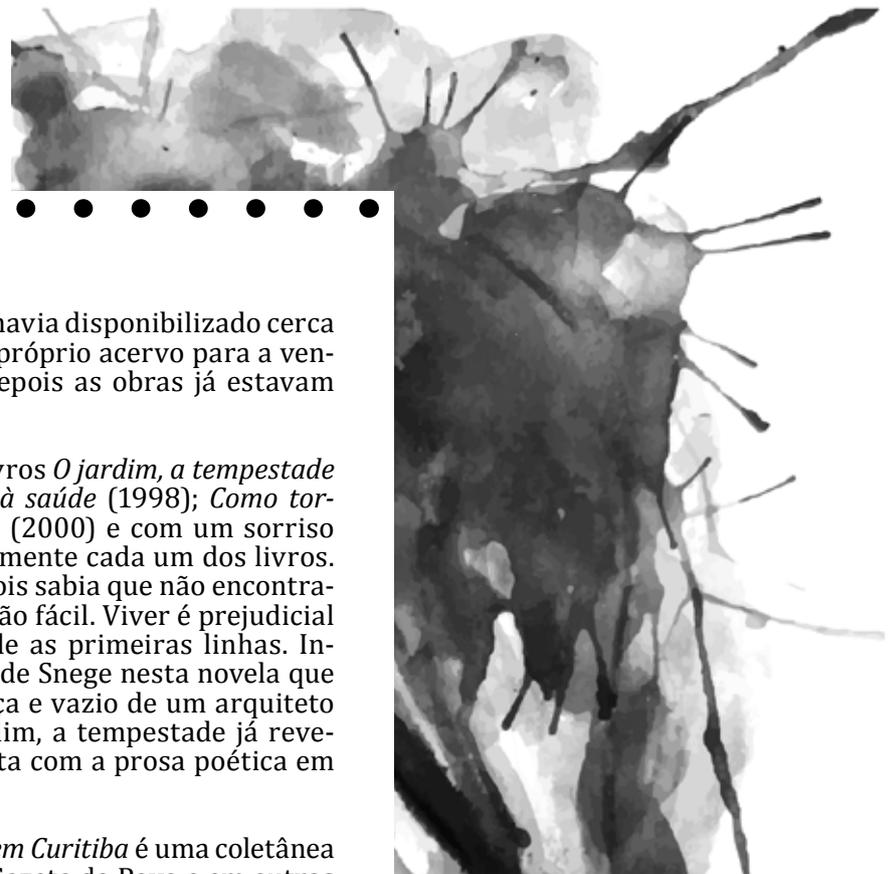
cou que a família de Snege havia disponibilizado cerca de 500 exemplares de seu próprio acervo para a venda. Ideia brilhante. Dias depois as obras já estavam esgotadas, mais uma vez.

Saí da livraria com os livros *O jardim, a tempestade* (1989); *Viver é prejudicial à saúde* (1998); *Como tornar-se invisível em Curitiba* (2000) e com um sorriso de satisfação. Li demoradamente cada um dos livros. Não quis ler avidamente, pois sabia que não encontraria outras obras de Snege tão fácil. *Viver é prejudicial à saúde* me encantou desde as primeiras linhas. Incrível o poder de concisão de Snege nesta novela que narra o cotidiano sem graça e vazio de um arquiteto em fim de carreira. O jardim, a tempestade já revela um Snege lírico que flerta com a prosa poética em narrativas curtas.

Como tornar-se invisível em Curitiba é uma coletânea de crônicas publicadas na Gazeta do Povo e em outros periódicos de Curitiba. As crônicas do volume são verdadeiros tratados sobre assuntos dos mais variados, desde fim de relacionamentos problemáticos à apatia intelectual e artística da cidade. É recorrente em suas crônicas críticas nada veladas à classe média sem conhecimento e alheia a tudo que acontece na “província”. Em uma das crônicas mais relevantes do livro, “A arte de tocar piano de borracha”, Snege escreve:

A historinha retrata com alguma maldade a nossa velha Curitiba de guerra. Um piano de borracha à sombra dos pinheiros. Se você quiser tocar, pode. Mas não vá exigir que alguém escute. Ninguém viu, ninguém ouviu e quem ouviu fingiu que não viu. (p.73)

É como se sentia Snege. Não foi por falta de oportunidade que o velho Jamil não publicou seus livros por grandes editoras. Foi pura resistência, seu modo de protestar contra a ignorância, apatia e obtusidade de uma cidade que amava.



Yasmin Bomfim
Técnica: Aquarela



Apoio Cultural:

GAZETA DO POVO

PRÓXIMA EDIÇÃO:

Próxima edição:
 Mariela Mei
 Paulo de Assunção Marques
 Adriano Feitosa
 Glauco Mattoso



George Barbier
 1926

OBRA - PRIMA

*vagueia pela casa fumando o filtro do Marlboro.
 bebendo vinho seco numa taça suja de batom vermelho.
 enrolando notas de cinco e enfileirando no prato mais ócio racional.
 já não queria ser bem resolvida.
 deixar tudo preto no branco.
 para colocar as coisas no devido lugar teria que abster-se de muito.
 e esses princípios puritanos, regrados, nunca a atraíram.
 só a desordem.
 só o caos é capaz de fasciná-la.
 ela é mais um corpo vago.
 marcado pela magreza dos ansiolíticos.
 não tem alma.
 havia trocado a tempos por cachaça de jambu.
 é barata e acha um barato dar um tapa no baseado e descobrir-se momentânea
 e improvisada.
 descobrir-se sem sentimentos .
 descobrir-se só sentidos.
 só toque.
 não mede seus atos.
 mas confessa a si que quanto mais falho o ato mais certa a inspiração.
 assim rege uma orquestra de lástimas e prantos.
 por todos os rapazes enganados.
 uma obra de perfeição pode vir dos bueiros.
 e essa era sua obra-prima.*